

# FORMA E FUNÇÃO

## RECIPIENTES CERÂMICOS PARA A PRODUÇÃO DE SAL NA PENÍNSULA IBÉRICA

JOANA FERRÃO UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, joanaferrao@campus.ul.pt

**RESUMO** O consumo e utilização de sal durante a pré-história foi um tema afastado da investigação arqueológica peninsular durante um longo período de tempo. A exploração deste produto gera poucos vestígios, que podem facilmente ser considerados como indicadores de outros tipos de contexto. É necessária uma caracterização arqueológica desta actividade, pelo que este trabalho analisa a informação publicada para os contextos da Península Ibérica.

O sal não desempenhou apenas um papel básico na sobrevivência humana, tendo adquirido uma importância socioeconómica relevante, sobretudo a partir do Neolítico Final. Para a obtenção deste produto foram utilizadas várias técnicas, nem sempre recorrendo a recipientes cerâmicos. Atendendo à temática da sessão, o presente trabalho focar-se-á unicamente na técnica de extracção de sal por ignição.

**PALAVRAS CHAVE** Península Ibérica, sal, 4.º e 3.º Milénios a.n.e., formas cerâmicas

**ABSTRACT** The issue of consumption and use of salt during prehistory has been neglected for a long period of time by archaeological researchers in the Iberian Peninsula. The exploitation of this product leaves few traces and these may easily be understood as another type of context. It is necessary to describe the particulars of the activity. This paper reviews the published information concerning Iberian archaeological sites.

Salt was not only used to fill the basic needs of human survival but was also important socially and economically, mostly from Late Neolithic onwards. Not all the existing ways to obtain salt require pottery vessels. Given the theme of this session, this work will be centered only in the igneous technique for extracting salt.

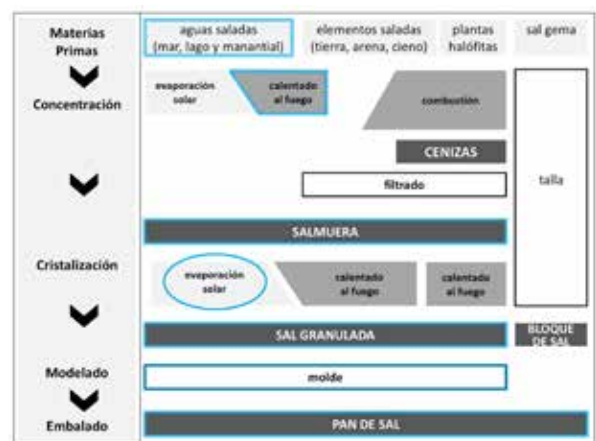
**KEYWORDS** Iberian Peninsula, salt, 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> Millennia BCE, pottery shapes

### CONTEXTOS DE PRODUÇÃO

A produção de sal por via ígnea (figura 1) requer abundância de matérias-primas (salmoura e combustível) e de cerâmica. Os locais de produção identificam-se, geralmente, pela elevada quantidade de fragmentos cerâmicos e carvões associados a suportes de vaso, formando entulheiras. As características das zonas de combustão que serviram este propósito não são padronizadas entre os sítios produtores.

É uma técnica dispendiosa mas que resulta num volume de sal superior às necessidades de consumo de um grupo, pelo que estaria direccionada para a distribuição dos “pães de sal” a uma escala regional ou mais alargada (Soares, 2013, p. 186-187). A actividade oleira funciona localmente, sustentando a produção de sal por ignição, com uma produção especializada que se caracteriza genericamente por pastas grosseiras e acabamentos pouco cuidados. A cerâmica, após a formação do “pão de sal”, é quebrada para o extrair.

Os sítios especializados localizam-se próximo de locais de captação de salmoura (zonas estuarinas e costeiras e lagoas interiores), mas a distribuição que hoje se conhece (figura 2) tem lacunas que apenas a revisão dos dados de escavações antigas e um olhar atento sobre a investigação futura poderão colmatar.



1. Técnica de produção de sal por via ígnea (segundo Weller, 2004, p. 95).

### FORMA E FUNÇÃO

Não é possível criar uma tipologia cerâmica universal para a produção de sal, pois as formas variam entre os sítios e a nível interno, mas é possível estabelecer se-



2. Sítios com evidências de produção de sal por via ígnea com base no levantamento bibliográfico.

melhanças entre os catálogos – por exemplo, as formas troncocónicas não são raras, existindo em contextos além da Península Ibérica (figura 3). No sítio da Ponta da Passadeira (Setúbal) os recipientes troncocónicos – com capacidade para 30L – substituem os primeiros moldes de menor capacidade – capacidade para apenas 3L (Soares, 2013, p. 180). No Monte da Quinta 2 (Benavente), predomina a forma cónica de fundo estreito (Valera *et al.*, 2006, p. 292). Em La Marismilla (Sevilha), os moldes apresentam perfis com curvatura acentuada ou carenas e fundos largos (Escacena, 2010, p. 177).

A produção de cerâmica não é uniforme para esta actividade: alguns recipientes são produzidos a molde e outros seguem a técnica do rolo; a espessura máxima das paredes é também muito variável, podendo atingir valores que vão dos 3 mm até 2 cm de espessura; de igual modo, variam os diâmetros máximos das peças – em La Marismilla, atingem 40 cm, mas na Ponta da Passadeira podem chegar aos 50 cm (Valera *et al.*, 2006; Soares, 2013; Escacena, 2010).

O teor ritual da actividade extractiva faz-se notar em Molino Sanchón II (Zamora), onde o campaniforme é utilizado na produção de “pães de sal” (Abarquero *et al.*, 2010). Já em plena Idade do Bronze, o sítio de Fuente Camacho (Granada) não tem uma forma cerâmica que se destaque particularmente das restantes e que comprove a hipótese da existência de moldes para os pães de sal. Este facto não afasta este sítio da actividade

extractiva, pois em Molino Sanchón II também deixa de haver uma padronização de formas nas cerâmicas mais recentes, sem que o sítio perca a sua função (Terán e Morgado, 2011, p. 239).

O teor de cloreto de sódio nos fragmentos cerâmicos recolhidos em contextos arqueológicos tem uma relação directa com a permeabilidade dos terrenos de deposição (Weller, 2004, p. 98, fig. 3), pelo que em muitos casos são necessários outros estudos de suporte. É, assim, essencial que se enriqueça o conjunto de informação relativa à cerâmica associada à produção de sal.

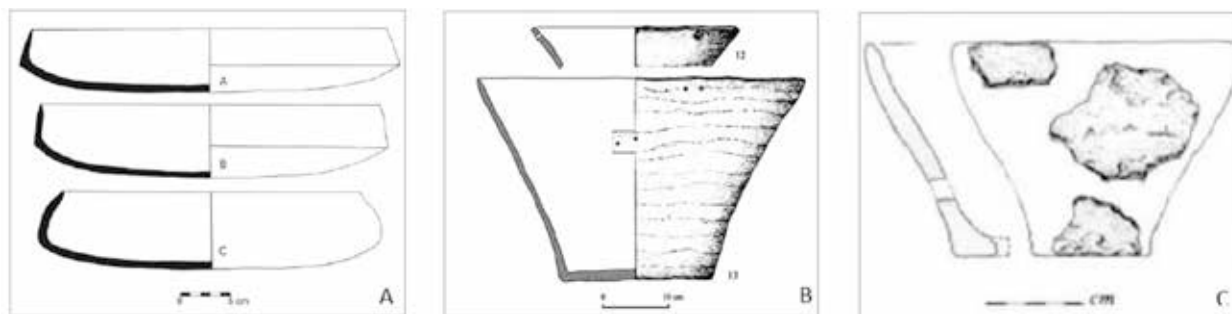
### A FORMA COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE GRUPAL

A exploração do sal na pré-história, a partir das evidências arqueológicas, sugere o controlo sobre os terrenos onde se localizavam as matérias-primas. Ainda que não sejam conhecidos os regimes de apropriação do território, vários autores afirmam que o poder das elites não se poderia ter mantido sem o controlo absoluto do produto que utilizavam como moeda de troca (Delibes e Val, 2007-2008, p. 804).

Nesta fase de construção do poder, a cerâmica (ainda que indirectamente) teve um papel fundamental, assim como o tiveram os povoados fortificados e os recintos de fossos. Verifica-se uma densificação do povoamento perto de zonas de captação de salmoura ou de salinas a céu aberto na transição Neolítico Final/Calcolítico, constituindo um dos critérios para a definição dos territórios de aprovisionamento de recursos (Weller, 2004, p. 105-107).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sal constituiu, na Pré-História recente, um produto de valor económico e social considerável, tendo participado enquanto moeda de troca nos intercâmbios intergrupais e desempenhando um papel de sustentação do poder das elites. A produção de “pães de sal” por via ígnea surge acompanhada da fortificação dos povoados (Weller, 2004, p. 107), o que evidencia a sua progressiva importância a nível social, que poderá superar o seu valor económico. Será necessária a futura integração das fontes de captação desta matéria-prima nos estudos de território para apurar o conhecimento sobre os padrões de povoamento.



3. Moldes de sal: A) La Marismilla, Sevilha (Escacena, 2010, p. 177, fig. 11); B) Ponta da Passadeira, Setúbal (Soares, 2013, p. 193, fig. 21); C) Halle, Alemanha (Weller, 2004, p. 97; fig. 2).

Se em cronologias mais recuadas os contextos de produção parecem mais padronizados, havendo mesmo semelhanças claras nos catálogos de formas associadas à actividade, em períodos mais recentes nota-se um abandono da estandardização de formas (em certos casos os grupos alteram os moldes). Os moldes para os “pães de

sal” perdem importância devido à estabilização do poder das elites ou existirá outra justificação para tal? Conclui-se a necessidade de revisão das colecções cerâmicas antigas, de forma a serem identificados mais locais de produção de sal e a completar-se o manancial de informação sobre as características deste tipo de contextos.

---

## BIBLIOGRAFIA

ABARQUERO MORAS, F.; GUERRA DOCE, E.; DELIBES DE CASTRO, G.; PALOMINO LÁZARO, A.; VALERO RECIO, J. (2010) – Excavaciones en los “cocederos” de sal prehistóricos de Molino Sanchón II y Santioste (Villafáfila, Zamora). In ABARQUERO MORAS, E.; GUERRA DOCE, E., eds., *Los yacimientos de Villafáfila (Zamora) en el marco de las explotaciones salineras de la prehistoria europea*. Valladolid: Junta Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, p. 85-118 (Monografías, 9).

CARVAJAL GARCÍA, D.; TOSTÓN MENÉNDEZ, F.; VALIENTE CANOVAS, S. (2003) – Las salinas Espartinas (Ciempozuelos, Madrid): un ámbito de explotación de la sal desde la prehistoria. In *Libro de Actas del Primer Simposio Latino sobre Minería, Metalurgia y Patrimonio Minero en el Área Mediterránea*. Vigo: SEDPGYM, p. 53-62.

DELIBES DE CASTRO, G.; VAL RECIO, J. (2007-2008) – La explotación de la sal al término de la Edad del Cobre en la Meseta Central española: fuente de riqueza e instrumento de poder de los jefes Ciempozuelos? *VELEIA*, 24-25, p. 791-811.

ESCACENA CARRASCO, J. (2010) – La salina prehistórica de La Marismilla y la ocupación neolítica de la paleodesembocadura del Guadalquivir. In ESCACENA CARRASCO, J., coord., *La Puebla del Río – Miscelánea Histórica*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Diputación de Sevilla, p. 167-189.

SOARES, J. (2013) – Sal e conchas na Pré-História portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo). In SOARES, J., ed., *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. Setúbal: MAEDS, p. 171-196.

TERÁN MANRIQUE, J.; MORGADO, A. (2011) – El aprovechamiento prehistórico de sal en la alta Andalucía. El caso de Fuente Camacho (Loja, Granada). *CPAG*, 21, p. 221-249.

VALERA, A.; TERESO, J.; REBUGE, J. (2006) – O Monte da Quinta 2 (Benavente) e produção de sal no Neolítico Final / Calcolítico do estuário do Tejo. In BICHO, N.; VERÍSSIMO, H., coords., *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património, Universidade do Algarve, p. 291-305 (Promontória Monográfica, 4).

WELLER, O. (2004) – Los orígenes de la producción de sal: evidencias, funciones y valor en el Neolítico europeo. *PYRENAE*, 35:1, p. 93-116.